

MICROTIPOGRAFIA: UMA ABORDAGEM SOBRE A RECEPÇÃO DE UM TEXTO EM TRÊS DIFERENTES FORMAS DE INSCRIÇÃO

MICRO-TIPOGRAPHY: AN APPROACH ON THE RECEPTION OF THE TEXT IN THREE DIFFERENT WAYS ENROLLMENT

Marta Rocha Costa¹

Resumo: Neste trabalho, observamos detalhes da microtipografia em composições textuais e buscamos verificar se estes interferiram na recepção dos textos ou ainda se contribuíram de alguma forma para tornar mais confortável, ou mesmo legível, a leitura do texto. Um grupo de seis alunos de um curso técnico intensivo observou três exemplos de composição de um mesmo texto e responderam a um questionário sobre a leitura desses textos. Os resultados demonstraram que a maioria dos leitores não percebeu os detalhes da microtipografia e que dois leitores receberam de forma contraditória uma mesma forma de inscrição. As unidades da microtipografia ou tipografia de detalhe foram definidas com base nos estudos de Hochuli (2013) e aspectos importantes para este trabalho sobre a leitura de textos foram ancorados em Barthes (2013), Jouve (1993) e Coscarelli (1999).

Palavras-chave: Microtipografia; leitura; composição.

Abstract: In this study, we observed micro-typographic details in textual compositions and sought to verify if these interfered with the reception of the texts, and also, if they contributed in some way to making the reading of the texts more comfortable, or even more intelligible. A group of six students in an intensive technical course noted three examples of composition of the same text and answered a questionnaire about reading these texts. The results showed that most readers did not notice the details of micro-typography and two readers received a contradictory way the same registration form. The micro-typography or detail-typography units were defined based on the studies of Hochuli (2013), and aspects important for this study on text reading were based on Barthes (2013), Jouve (1993), and Coscarelli (1999).

Keywords: Micro-typography; reading; composition.

Considerações iniciais

No processo de leitura de um texto impresso as linhas são lidas em pequenos saltos. Ao encontrar o vazio na margem direita, o olho dá um salto maior e volta à margem esquerda para retomar as sacadas² e prosseguir com o processo. Quanto mais proficiente for o leitor, mais curtas serão as fixações e maiores serão as sacadas. Em velocidades elevadas o texto pode ser até mesmo adivinhado (HOCHULI, 2013). Em estudo publicado sobre a Leitura, Vincent Jouve (2002) também se refere ao movimento do olhar como não linear ou uniforme,

¹ Mestre em Estudos de Linguagens (Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG). Belo Horizonte, Brasil, e-mail: martarocha@intexto.com.br

² Hochuli (2013) se refere a sacadas como movimentos curtos que mudam com fixações de 0,2 a 0,4 segundos. Uma linha é lida com várias sacadas e somente durante uma fixação é que a informação poderia ser registrada pelo leitor.

“feito de saltos bruscos e descontínuos” ou, em outras palavras, de “movimentos sacádicos”.

A proposição de que o texto pode ser até mesmo adivinhado pelo leitor nos despertou para o que poderia contribuir para esse desempenho, além das habilidades e estratégias de leitura desenvolvidas pelo leitor comum³. De que forma um texto seduz o leitor, como ele joga com suas expectativas ou mesmo como se apresenta mais prazeroso para a leitura é algo que não podemos mensurar neste trabalho. O que buscamos verificar, por meio de detalhes da tipografia, é como o leitor comum recebe um texto como confortável de ler ou mesmo fluente. De qualquer forma, o prazer do texto, apresentado por Roland Barthes (2013) como o momento em que o corpo segue suas próprias ideias⁴, nos despertou para a sua materialidade:

Se você mete um prego na madeira, a madeira resiste – diferentemente conforme o lugar em que é atacada: diz-se que a madeira não é isotrópica. O texto tampouco é isotrópico: as margens, a fenda, são imprevisíveis. Do mesmo modo que a física (atual) precisa ajustar-se ao caráter não isotrópico de certos meios, de certos universos, assim é necessário que a análise estrutural (a semiologia) reconheça as menores resistências do texto, o desenho irregular de seus veios (BARTHES, 2013, p. 45).

Percebe-se que Barthes (2013), ao mencionar as margens ou a fenda do texto, não se refere propriamente às áreas em branco que contornam o texto ou mesmo às áreas de respiro⁵ da mancha gráfica, mas sua analogia nos desperta para questionamentos sobre quais práticas da produção textual em nossos dias suscitem permanente cuidado, não apenas na sua tecitura, mas também na sua inscrição. Nossa hipótese é a de que a microtipografia, ou tipografia de detalhe, pode contribuir para ajustes mais bem calibrados entre o “o que dizer” e o “como inscrever” no corpo do texto.

1 Fundamentação teórica

Assim como a macrotipografia – projeto textual, diagramação, leiaute de página e planejamento gráfico – se ocupa do conteúdo, do formato, das ilustrações e das hierarquias textuais, a microtipografia se ocupa das questões referentes à letra, à palavra, à linha, à

³ O leitor comum é entendido neste trabalho como proposto pelo professor e bibliófilo José Mindlin em sua palestra proferida no simpósio Usos da Leitura, promovido pelo Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, ocorrida em agosto de 1991. O leitor comum pode ser todo aquele que sente vontade de ler, seja a leitura qual for.

⁴ Ao se referir ao prazer do texto Barthes afirmou que o seu corpo não tinha as mesmas ideias que ele mesmo.

⁵ Em publicação sobre os princípios das técnicas de editoração, Emanuel Araújo (2008) refere-se aos espaços em branco dentro da mancha gráfica como sendo “áreas internas de respiração”.

entrelinha ou espaçamentos⁶ e à mancha na composição dos textos. A fluência ou mesmo prazer da leitura pode durar pouco, ou até mesmo não ser encontrado quando a microtipografia é esquecida em um leiaute. Faz-se importante observar detalhes como distinção nítida entre as letras, formas estáticas nas maiúsculas e dinâmicas nas minúsculas. Em toda a superfície da página a área impressa concorre com a não impressa e o mesmo se dá em relação à linha, à palavra e à letra. De uma forma geral, composições pouco legíveis são consequência de espaçamentos insuficientes (HOCHULI, 2013, p. 24). As propriedades mais valorizadas na microtipografia, as quais consideramos relevantes para o propósito deste trabalho, estão organizadas no QUADRO 1.

QUADRO 1: Propriedades da microtipografia

| Propriedades mais valorizadas na microtipografia | |
|---|---|
| Familiaridade | Refere-se às fontes que devem representar a língua formal comum. |
| Identidade | Refere-se à letra que deve distinguir-se nitidamente das outras. |
| Harmonia | Refere-se à palavra que deve ser uma unidade com diferentes formas. |
| Proporção | Refere-se à letra e sua relação entre maiúsculas e minúsculas. |
| Equilíbrio | Refere-se à fonte e a correta proporção entre seu tamanho e peso. |
| Forma estática | Refere-se às fontes maiúsculas. |
| Forma dinâmica | Refere-se às fontes minúsculas. |

Fonte: Elaboração própria com dados de Hochuli (2013).

Em artigo sobre retórica tipográfica e leitura, Gruszynski (2004) observa que “na medida em que parecem chegar à consciência do leitor instantaneamente, há uma impressão de que particularidades relativas à grafia não têm relevância”. Gruszynski (2004) explica que a possível invisibilidade da palavra escrita está relacionada à passagem automatizada do visual ao sonoro no aprendizado da leitura e da escrita. Se por um lado Gruszynski (2004) justifica uma possível invisibilidade para o leitor de particularidades da palavra escrita, por outro Hochuli (2013) afirma que, de uma forma geral, o leitor de textos mais longos, especialmente livros, rejeita experiências com as letras e outras unidades da microtipografia:

A esse leitor não interessam as letras em si. Ele não quer saber de

⁶ O espaço, na microtipografia descrita por Hochuli (2013), desdobra-se no conceito de entrelinha, espaço entre uma linha e outra, e espaçamentos entre letras e sinais da pontuação.

caracteres ‘bonitos’ ou ‘interessantes’, e sim registrar o sentido das palavras visualizadas através deles. Por isso, alterações essenciais na forma dos tipos usados no texto contínuo não são desejáveis (HOCHULI, 2013, p. 10).

Partindo do pressuposto de Hochuli (2013) sobre o desinteresse do leitor por determinados critérios de microtipografia; do afirmado por Barthes (2013) acerca das “menores resistências” existentes no texto e considerando ainda que um texto é resultado de muitas decisões acerca de sua produção, edição de conteúdos e de formas de dizer, como observou Ribeiro (2013), buscamos neste trabalho:

1 – Verificar se detalhes da microtipografia são percebidos pelos leitores de um mesmo texto, apresentado em diferentes composições;

2 – Verificar se uma determinada forma de composição que observe detalhes de microtipografia pode, ou não, proporcionar maior conforto à leitura.

Devido ao caráter empírico deste trabalho, buscamos gerar os dados necessários para a nossa análise, etapa que descrevemos na próxima seção.

2 Metodologia

A leitura tem um charme que se origina nas emoções que ela provoca em cada leitor (JOUVE, 2002). Contudo, perceber uma leitura como algo agradável ou mesmo prazeroso não depende apenas das nossas emoções. Já se demonstrou que a leitura não é um processo passivo e que o leitor não apenas decodifica signos, mas também infere, reflete, questiona e faz generalizações (COSCARRELLI, 1999). Partindo desse pressuposto, selecionamos para o *corpus* deste trabalho um trecho de texto técnico sobre eletricidade para ser apresentado aos leitores participantes em três diferentes composições tipográficas. Consideramos que textos diferentes para os exemplos de composição que pretendíamos apresentar exigiriam inferências, reflexões, questionamentos e generalizações diferentes no processo de leitura e isso influenciaria o julgamento dos leitores sobre a recepção de uma ou outra forma de composição.

Outro fator que contribuiu para a escolha de um mesmo texto para os exemplos apresentados no questionário foi o nosso foco em observar a sua recepção pelos leitores em suas diferentes composições tipográficas. Nesse caso, acreditamos que quanto maior a familiaridade dos leitores para com o texto, menor seria o esforço para a produção de

significado, o que poderia favorecer a percepção de detalhes da microtipografia. Dessa forma, escolhemos um trecho de texto considerado básico e montamos um questionário para a geração dos dados, o qual descreveremos mais adiante. O grupo de leitores foi formado por seis alunos do curso de *Áudio Básico*⁷, curso esse oferecido regularmente na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Os leitores participantes, os quais chamamos aqui de L1, L2, L3, L4, L5 e L6, foram convidados a responder ao questionário e todos eles assinaram um termo de consentimento autorizando a utilização dos dados informados na realização deste trabalho. Sobre esses participantes, L1 tem o ensino fundamental e já trabalha como operador de áudio, L2 tem graduação e é engenheiro civil, L3 tem graduação e é engenheiro eletricitista, L4 tem curso superior incompleto e é estudante, L5 tem ensino fundamental e é operador técnico, e L6 tem ensino médio e é estudante.

O questionário utilizado para a geração dos dados cumpriu as seguintes etapas de elaboração:

- 1 – Seleção de um trecho de texto técnico considerado básico e do conhecimento da maioria dos estudantes e profissionais das áreas da elétrica e eletrônica. Esse tema foi: Diferença de Potencial ou Tensão.
- 2 – Seleção de dois outros trechos sobre esse mesmo tema, igualmente com dois parágrafos, impressos em outros dois livros técnicos. Obviamente, como nesses casos a redação e a composição eram diferentes, optamos por uma adaptação do conteúdo previamente selecionado às formas de composição apresentadas nas diferentes publicações. Demos a cada uma dessas adaptações o título de Exemplo 1, Exemplo 2 e Exemplo 3.
- 3 – Para a adaptação mencionada no item anterior, observamos os detalhes da microtipografia presentes na edição de origem e os reproduzimos no exemplo adaptado. Entre esses detalhes observamos: corpo de letra, fonte, quebra de palavra, peso de fonte (negrito) e extensão de linha na mancha.
- 4 – Redigimos um pequeno cabeçalho para instruir os leitores participantes a ler os três exemplos e responder ao questionário composto por seis questões redigidas em linguagem simples. Nenhuma questão foi deixada em branco. Nos QUADROS 2, 3 e 4 pode-se observar os exemplos de composição apresentados aos leitores participantes.

⁷ O Curso de *Áudio Básico* é oferecido em módulos pelo Núcleo de Formação Profissional – NFP, organização privada que busca preparar para o mercado de shows e espetáculos profissionais capacitados para lidar com instalações, montagens e operação de equipamentos profissionais de áudio e vídeo.

na qualidade das imagens conseguidas por meio dessa tecnologia. As imagens das edições mais recentes mostraram-se mais nítidas que a imagem da edição de 1961, por exemplo. Havia ainda a impossibilidade de se igualar o conteúdo textual nos trechos escaneados. Consideramos que isso poderia interferir no resultado deste trabalho e por essa razão decidimos reproduzir as composições no corpo do questionário. Um resumo de detalhes da microtipografia encontrados nas três diferentes edições de texto, e reproduzidos nos exemplos utilizados, pode ser observado no QUADRO 5.

QUADRO 5: Detalhes da microtipografia nos exemplos utilizados

| Detalhes da microtipografia nos exemplos utilizados no questionário | |
|--|---|
| Exemplo 1 | <ul style="list-style-type: none"> - Título em caixa alta - Espaçamento maior entre título e texto - Entrelinha - Recuo a partir do segundo parágrafo - Fonte com serifa - Abreviação - Sem quebra de palavra - Linha de uma margem à outra - Corpo 12 |
| Exemplo 2 | <ul style="list-style-type: none"> - Alinhamento à esquerda - Entrelinha - Título em caixa baixa - Título em negrito - Fonte com serifa - Abreviação - Recuo a partir do segundo parágrafo - Duas quebras de palavra - Linha de uma margem a outra - Corpo 11 |
| Exemplo 3 | <ul style="list-style-type: none"> - Espaçamento maior entre título e texto - Fonte com serifa - Entrelinha - Abreviação - Título em negrito - Título em itálico - Título com fonte diferente do texto (Big Caslon) - Parágrafo sem recuo - Meia linha a partir da margem esquerda - Corpo 12 |

Fonte: Elaboração própria com dados da pesquisa, 2015.

3 Análises e Resultados

Questionados sobre possíveis dificuldades encontradas na leitura dos três exemplos apresentados, cinco participantes não encontraram dificuldades e um apontou como dificuldade a abreviação “d.d.p.” utilizada para substituir a expressão “diferença de potencial” já descrita no título do texto. Quanto ao exemplo mais confortável para a leitura, metade dos participantes, L1, L3 e L6 afirmaram ser a leitura a mesma já que se tratava do mesmo texto. Para esses, a microtipografia mostrou-se algo transparente⁸ ou de pouca relevância na leitura. Desses, apenas L3 percebeu uma “diferença de formatação” nos exemplos, mas que não interferiu na sua leitura.

Porém, nem todos foram indiferentes a detalhes da microtipografia. L2 apontou como mais confortável para ler o exemplo 3, o qual apresentou o texto em coluna e não em linhas de margem a margem. Nesse caso, a extensão da linha ou a sua medida, como prefere Hochuli (2013), é um detalhe da microtipografia. L4 preferiu o exemplo 1 sem especificar um porquê e L5 preferiu o exemplo 2 devido à divisão do texto em dois parágrafos. Percebe-se que o exemplo 1 também tem o texto dividido em dois parágrafos, mas apenas o exemplo 2 apresenta o recuo no início de cada um deles e esse recuo é outro detalhe da microtipografia.

Sobre fatores que facilitaram ou dificultaram a leitura encontramos uma divergência entre L2 e L5. O primeiro apontou como fator dificultador o espaço maior entre parágrafos pois deixa o texto “mais disperso”, e o segundo afirmou que “o espaço facilita”. Por último, L6 apontou como fator facilitador a sua familiaridade para com o assunto do texto. Afirmou que todos os exemplos foram confortáveis para ler porque “falam de um assunto do qual gosta muito”. Também para esse último leitor, portanto, a microtipografia se mostrou como algo imperceptível.

Quanto à necessidade de reler alguma palavra ou frase, L2, L3, L5 e L6 afirmaram não ter sido necessária alguma releitura. L1 e L4 responderam que precisaram reler as palavras *Joule* e *Coulomb*, por se tratarem de termos que desconheciam e não por dificuldades como ilegibilidade de letra ou fragmentação de palavra, o que poderia caracterizar falha na microtipografia. Sobre as dificuldades mais frequentes na leitura de textos técnicos de uma forma geral, os participantes não apontaram dificuldades relacionadas à microtipografia.

⁸ Se fazer transparente ou invisível foi uma condição assumida pela tipografia funcionalista com base em crenças na homogeneidade dos textos. Era preciso abdicar da atenção do leitor sobre si mesma para que esse pudesse atentar para os conteúdos do texto (PERROTTA, s/d).

Queixaram-se de palavras desconhecidas, do excesso de aprofundamento técnico em alguns temas, de siglas não “especificadas” e ainda da falta de “parada de pontuação”. Nesses casos, entendemos as queixas sobre a falta de desdobramento das siglas em sua primeira inserção no texto, e a construção de períodos ou parágrafos muito extensos, não como questões para a microtipografia, mas para a redação e a edição dos textos técnicos. Por último, pedimos aos participantes para atribuírem uma nota de zero a dez para cada uma das propostas de composição tipográfica apresentada para leitura. Um valor percentual de satisfação dos participantes para com as propostas apresentadas nos exemplos 1, 2 e 3 foi estimado e pode ser observado no GRAF. 1.

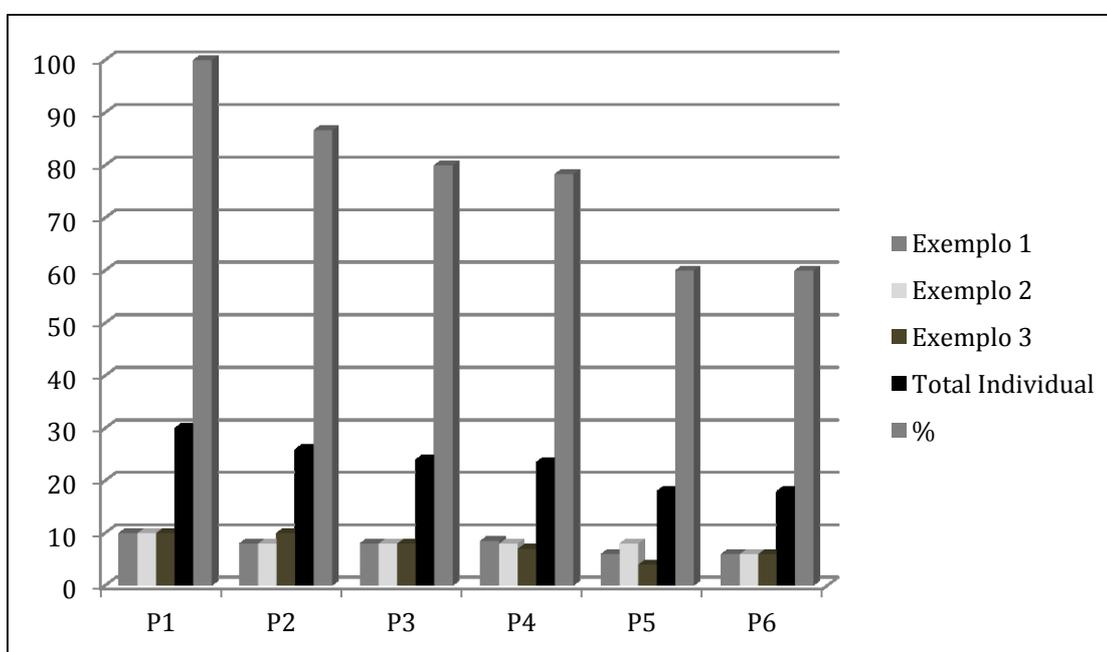


GRÁFICO 1: Satisfação dos participantes para com os exemplos 1, 2 e 3.
Fonte: Dados da pesquisa coletados em janeiro de 2015.

Retornando ao nosso primeiro objetivo de verificar se detalhes da microtipografia são ou não percebidos pelos leitores em diferentes composições tipográficas de um mesmo texto verificamos que mais da metade dos leitores participantes não percebeu tais detalhes, enxergando apenas o conteúdo do texto, sem observar características da sua materialidade. Esse resultado confirma, em parte, o que diz Hochuli (2013) sobre o leitor de livros. Ou seja, o leitor rejeita experiências com letras e se interessa apenas em registrar o sentido das palavras visualizadas (HOCHULI, 2013, p. 10). Porém, em nosso grupo de leitores, levando-se em conta que leram um trecho de livro e não um texto longo, observamos que uma

minoría, aproximadamente 30% deles, não só percebeu detalhes da microtipografia como também reconheceu a sua influência na leitura dos exemplos propostos.

Quanto ao nosso segundo objetivo, de verificar se uma determinada forma de composição que observe critérios de microtipografia pode, ou não, proporcionar maior conforto na leitura, verificamos que isso não só é possível, como também pode ser percebido de forma contraditória pelos leitores, como demonstraram as leituras feitas por L2 e L5. Recordando, esses leitores perceberam um mesmo detalhe da microtipografia, nesse caso o espaçamento, como dificultador e também facilitador da leitura, respectivamente. Um resumo dos detalhes ou mesmo características da microtipografia percebida pelos leitores participantes nos exemplos apresentados foi organizado e pode ser observado no QUADRO 6.

QUADRO 6: Características da microtipografia percebidas pelos leitores

| Características da microtipografia percebidas pelos leitores | |
|--|--|
| L1 | Abreviação: encontrou dificuldade em “palavras tipo D.D.P.”. |
| L2 | Recuo : “achei mais confortável ler um texto mais compacto”. Espaçamento: “o texto ficou mais disperso” Espaçamento: “o espaço de parágrafo maior foi um dificultador”. |
| L3 | Abreviação: viu como dificuldade “algumas siglas” |
| L4 | Palavra: viu como dificuldade “os termos técnicos” |
| L5 | Recuo: “pela divisão em dois parágrafos ficou mais confortável a leitura”. Entrelinha: “os exemplos com menor espaço foram um pouco mais difíceis para ler”. |
| L6 | Não percebeu. |

Fonte: Elaboração própria com dados da autora, 2015.

Considerações finais

Os resultados obtidos neste trabalho demonstraram que a microtipografia não apenas é percebida pelos leitores como também pode influenciar na recepção e leitura de textos. Essa influência não se mostrou de forma sempre positiva como se esperou observar nos resultados. Tal constatação, lembrando que este trabalho se limitou apenas a um grupo de leitores, reforça

a compreensão de que a leitura de textos, técnicos ou não, é um processo ativo e individual. O que se apresentou como agradável ou confortável para um leitor não o foi para outro e isso aponta, no nosso entendimento, para a necessidade de se investir em novos estudos que pudessem identificar mais do que fontes legíveis ou uniformidades na diagramação da página impressa.

Nossas reflexões sobre os resultados apurados neste trabalho nos levam a reconhecer que a microtipografia é algo atual e merece ser considerada em nossos processos cotidianos de edição de textos. Acreditamos que as tecnologias digitais podem não se mostrar suficientes na composição de textos impressos. Finalmente, entendemos que a edição desses textos, na era digital, ainda carece da nossa acurácia profissional e investimento intelectual.

Referências

ARAÚJO, E. **A construção do livro**: princípios das técnicas de editoração. Rio e Janeiro: Lexikon, 2008.

BARTHES, R. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburgl. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

COSCARELLI, C. V. **Leitura em ambiente multimídia e produção de inferências**. 1999. 321 f. Tese (Doutorado em Letras. Área de concentração: Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, 1999.

CREDER, H. **Manual do instalador eletricitista**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

DAVIS, D.; PATRONIS, E. **Sound system engineering**. 3. Ed. Burlington, MA: Elsevier Inc., 2006.

DAWES L. C. **Curso de eletrotécnica**. Tradução de João Protásio Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1961.

GRUSZYNSKI, A. C. **Retórica tipográfica e leitura**. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/23876146062859764810500144300184283280.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2015.

HOCHULI, J. **O detalhe na tipografia**. Tradução de Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

JOUBE, V. **A leitura**. Tradução de Brigitte Hervor. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

PERROTTA, I. **Design tipográfico**: invisibilidade e legibilidade, visibilidade e autoria. Disponível em: <<http://hybris.com.br/Designtipografico.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2015.

COSTA, M. R. Microtipografia: uma abordagem sobre a recepção de um texto em três diferentes formas de inscrição. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 04, n. 02, p. 120-131, jul./dez. 2015.

RIBEIRO, A. E. Multimodalidade e produção de textos: questões para o letramento na atualidade. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, p. 21-34, jan./jun. 2013.